

A LAGRIMA

BIBLIOTECA MUNICIPAL
DE BARCELOS

PUBLICAÇÃO RECREATIVA

Barcellos, 26 de novembro de 1892.

Por certo, leitores, estarieis a estas horas envergando as vossas sobrecasacas—misto de enterres e baptisados—e calçando as vossas luvas, proprias dos actos solemnes para assistirdes ao funeral da chronica, por que ella teria irremediavelmente morrido por falta de elementos necessarios á vida, se não fosse o providencial acaso condoer-se d'ella e fornecer-lhe um piteusinho com que a pobresinha fosse enganando a tísica que a definha e que mais tarde, quem sabe, a matará.

Porem, como a doentinha tem ainda algumas forças, vae taramelar um pouco narrando-vos um facto que se não curioso pelo menos engraçado: Como sabeis, meia duzia de rapazes—não dirá da *élite* barcellense porque isso dizem-n'os elles a cada momento—desejosos de, em rodomoinhosas valsas, desenvolverem os musculos das suas bem torneadas pernas, entorpecidas pela vida sedentaria que levam, e ávidos de darem *dois dedos* de prosa amena, sem *gargarejos*, ás suas adoradas nymphas, tiveram o bom gosto de se cotisarem para lhes prodigalisar horas de distracção agradável com uma *soirée* dansante.

Venceram-se, pois, as difficuldades peculiares a taes divertimentos e toca de dansar.

Tudo lhes correria em mar de rosas, se não fosse—oh fatalidade!—a *estupidéz* d'um *intruso*, que foi chama-

do para gratuitamente auxiliar o pianista contratado.

Imaginem o que ao demonio—Deus me perdoe—se havia de encasquetar no miolo, vejam lá se attingem!...

Eu lhes conto, ainda que o não devia fazer, cá por coisas, mas impellido por um boccadinho de *indignação* sempre lhes contarei:

Foi... que o endemoninhado auxiliar, um modesto artifice d'esta villa, quando se achou substituido pelo tocador da sanfona seu auxiliado não teve mão em si e... zás principia de valsar com uma dama que, sem saber da posição social d'elle, se prestou a atural-o.

Quando os outros valsistas viram—com espanto seu—que o *insolente* se misturava com elles no estonteamento da valsa, mandaram suspender a musica; e então o Mano Doutor com aquellê ar arrogante que o characterisa advertiu o *incivil* de que não podia dansar juntamente com elle sem que a sua honra perigasse e sem que os seus *pergaminhos* fossem ultrajados.

Misturar-se um artifice com aquelle fidalgo era desafôro! E era, diz a chronica tambem.

Um artista, ainda que modesto e honrado, nunca se pode envolver com individuos de tão elevada jerarchia como a do Mano Doutor.

Que diriam seus avós se soubessem no outro mundo que os seus descendentes deixavam enlamear os seus braços com uma acção d'aquellas?

A LAGRIMA

Irta, não podia ser!

E' verdade que na França, Inglaterra e outros paizes ultra civilisados os artifices honrados e honestos convivem em perfeita amizade com os aristocratas, e são muitas vezes admittidos nos seus salões; mas em Portugal e muito principalmente em Barcellos, isso não! Aqui fia muito fino...

A chronica queria falar-vos com minuciosidade d'outro caso engraçado que se deu na tal *soirée* que foi a d'um cavalheiro se introduzir no

toilette das damas, não sabe se por engano se por elle encontrar n'aquelle recintosinho mais calor para o seu sangue enregelado pela decrepitude, e fazer-vos a apotheose d'aus noctivos cantores que por ahí abundam, cujas vozes de baixo — em toda a extensão da palavra — resoam ainda nos seus ouvidos como um côro sahido do templo de Baccho, mas não pode fazel-o porque está prohibida pelos medicos de fallar muito, visto o adiantamento da molestia de que padece.



SOUVENIR

Quem quizer comprar bilhetes
Pr'a Oppressão e Liberdade
Procurem-n'os no Oliveira
Que já tem poucos.



Das „Espumas Fluctuantes“

.....
Por uma fatalidade
D'essas que descem d'alem,
O sec'lo que viu Colombo
Viu Guttemberg tambem.
.....

Castro Alves
(Poeta brasileiro).

Improviso

.....
Por um accaso sublime
Por um milagre d'alem,
O sec'lo que viu Colombo
Viu Guttemberg tambem.
.....

Barcellos

Manoel Roças.



Galeria de homens illustres de Barcellos
VIII



Mano Doutor

«Considerado sob o aspecto do corpo, Mano Doutor não tem limites. A sua personalidade maravilhosamente extensa excede a esphera da nossa faculdade visual. O incommensuravel conjuncto de todas as suas partes está materialmente fora do alcance dos nossos instrumentos de experiencia e de analyse».

Eis como diz uma das nossos celebidades litterarias referindo-se a Mano Doutor. E em humilde hypolito que heide dizer? E' um atrevimento se levanto voz, começarão logo os risos sarcasticos. Se não digo nada, sou alvo d'estes improperios: «que não tenho geito para nada, que sou acanhado»; porisso confesso que me acho incapaz de emittir juizo ácerca de Mano Doutor.

Vós ha muito sabeis que elle é escriptor e orador moralista. Como escriptor, é mais do que conhecido, por isso fazer-vos má descripção d'elle

n'esta qualidade seria abusar da vossa) excessiva benevolencia. No entanto alguns ha que não ouviram a sua doce e harmoniosa voz a expandir-se em sabios conselhos, filhos da sua longa experiencia, porisso, e para que Mano occupe com esplendor esta seccão, transcrevemos parte d'um discurso proferido por elle em a noite de 23 de julho de 1890 no salão dos Paços do concelho, d'esta villa, com assistencia de todos os artistas que para tal fim foram convidados:

«De todos os defeitos que se notam na humanidade, ha um que se destaca sobre todos e que deve merecer reprovação de toda a sociedade — é o pelantismo! (Apoiados). A cada passo vemos typos encartolados, enlucados passeiando donairosamente, pavoneantemente, assumindo ares napoleonicos, parecendo querer abarcar com toda a sua magnitude o mundo! Pergunta-se-lhe d'onde veem e pa-



Mano Doutor nos jardins do palacio da Pena, com D. Luiz

ra onde vão e não querem dizer. Ás vezes este silencio significa que tem medo de confessar que são filhos de um artista! (Voses, muito be.n). E a que é devido isso? á ignorancia, amigos! Não foram porventura as maiores notabilidades descendentes de gente pauperrima? Por certo. Eu podia nomeal-os mas não quero abu-

A LAGRIMA

sar da vossa paciencia. (Uma voz á vontade. Tumultos) Eu que tive na minha familia um barbeiro, orgulhoso d'isso; portanto, houve na minha familia: a navalha, a bacia e toalha que são indicativos da limpeza. (Muitos apoiados). Bias, philosopho, só admittia vaidade ao ser humano que fos-



Mano Doutor da o exemplo do trabalho

se:—formoso, rico e um genio. Pois eu nem assim a admitto, por ver excessiva modestia em todas as pessoas notaveis que se tem elevado acima da humanidade. E vós, amigos, sois artistas e não vos deveis desprezar d'isso —sois o mundo. Olhae o que diz Ramalho Ortigão referindo se ao artista.

...cum sujeito humilde, sujo, quasi esfarrapado que está na galeria, attento, ávido, rindo no meio da sua barba hirsuta, ou limpando as lagrimas da face ao canhão da blusa! Pois esse miseravel, róto, descamisado, desconhecido, sem nome, sem estudos, sem critica, sem *toilete*, sem nomeação official, vale para um artista do theatro mil veses mais e tem mil veses mais auctoridade do que todos os governos, todos os jurys e todas as academias. Os senho-

res, meus caros amigos, mudam de terra, mudam de emprego, passam de moda como as escolas que representam, desaparecem, morrem. Aquelle que la está em cima, no *gallinheiro*, espreitando, esse é que não muda, que não desaparece, que não morre. Ha dois seculos que elle ali vae sentar-se obscuro, ignoto. D'aqui a outros tantos seculos lá o encontrarão ainda. Chama-se artista, chama-se publico. São a historia. São a immortalidade.

Vós,—bons homens, insignes burocratas, illustres ministros, grandes reis,—vós, para a arte, sois—coisa nenhuma. E a vossa pretendida proteção ao talento lembra a lenda phantastica da sombra do escudeiro limpando a sombra do cavallo com a sombra de 225,000 reis».

O orador foi muito cumprimentado. Avaliem pois, pelo excerpto do dis-



Mano Doutor usa de artimanhas engraçadas para chamar ouvintes para os seus discursos

curso, até onde chega a modestia e talento de Mano Doutor.

Leu.

